

*Ernest Renan brésilien: dos papéis que um historiador francês teve no Brasil**

THIAGO AUGUSTO MODESTO RUDI**

Universidade Estadual Paulista

Resumo: O presente artigo busca narrar os papéis que Ernest Renan (1823-1892) teve no Brasil. Por meio do estudo de uma série de textos publicados no Brasil e que fizeram referência a esse historiador francês, narrar-se-á como se deu a construção de um “Renan *brésilien*”, especialmente a partir das repetidas referências, por escritores brasileiros, aos textos desse historiador dedicados à história das origens do cristianismo e à definição da nação. Simultaneamente, procuro dizer da centralidade da noção de “influência” para os estudos que avaliaram as leituras que brasileiros fizeram de Renan e, por fim, apresento trabalhos que, ao tomarem Renan e seus leitores como objetos de estudo, procuram tratar da historicidade das verdades partilhadas por esses escritos.

Palavras-chave: Ernest Renan (1823-1892); Historiografia; Brasil.

Résumé: Cet article vise à raconter les rôles joués par Ernest Renan (1823-1892) au Brésil. Par l'étude d'une série de textes y publiés, et qui ont fait référence à cet historien français, il sera narré comment s'est passé la construction d'un « Renan *brésilien* », en particulier à partir des références répétées par des écrivains brésiliens, aux textes de cet historien consacrés à l'histoire des origines du christianisme et à la définition de la nation. En même temps, j'essaie de dire de la centralité de la notion d'« influence » pour les études qui ont évalués les lectures que les Brésiliens ont fait de Renan et, finalement, je présente des travaux qui, ayant Renan et ses lecteurs comme objets d'étude, cherchent à traiter de l'historicité des vérités partagées par ces écrits.

Mots-clés: Ernest Renan (1823-1892); Historiographie; Brésil.

* Recebido em 4 de agosto de 2016 e aprovado para publicação em 27 de novembro de 2016.

** Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Franca). Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

O presente artigo busca narrar os papéis que Ernest Renan (1823-1892) teve no Brasil. Para tanto, realizo o estudo de uma série de textos publicados no Brasil e que fizeram referência a esse historiador francês, procurando descrever quais as funções, os papéis, os lugares que foram construídos para Renan nesses textos.

Desde a segunda metade do século XIX até os nossos dias, vários textos – entre eles, livros, artigos de periódicos e traduções – relacionaram o nome de Renan a múltiplos debates “brasileiros”, dentre os quais: as tensões entre religião e política, a origem dos nativos brasileiros, a escravidão, a constituição de uma nação e as regras para a escrita da história do e no Brasil. Lido e conhecido (inclusive, pessoalmente) por diversas personagens brasileiras como o Imperador Pedro II (1825-1891) e Joaquim Nabuco (1849-1910), pode-se dizer que Renan teve uma “vida brasileira” que excedeu a sua própria morte, possibilitando novos sentidos a sua vida e a de vários brasileiros.

Assim, por meio do estudo desses textos, este artigo narra como se deu a construção de um “Renan *brésilien*”, especialmente a partir das repetidas referências aos escritos de Renan sobre a história do cristianismo e sobre a nação. Simultaneamente, procuro dizer da centralidade assumida pela noção de “influência”¹ em trabalhos que investigaram como brasileiros leram Renan e, por fim, apresento trabalhos que, ao tomarem Renan e

¹ O que nos motiva a ler os textos desse artigo dessa forma é a leitura que realizamos do livro de Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber*. Nesse trabalho, Foucault afirma que o emprego da noção de *descontinuidade* - paradoxal noção, por ser, ao mesmo tempo, instrumento e objeto de pesquisa - implicaria alguns problemas teóricos para a análise histórica. Dentre eles, destaca-se o trabalho de manter em suspenso e mostrar o efeito de construção de um jogo de noções que diversificam o tema da continuidade. Assim como a noção de “tradição” que permitiria isolar novidades “sobre um fundo de permanência”, a noção de “influência” forneceria “um suporte - demasiado mágico para poder ser bem analisado - aos fatos de transmissão e de comunicação; que atribui a um processo de andamento causal (mas sem delimitação rigorosa nem definição teórica) os fenômenos de semelhança ou de repetição; que liga, à distância e através do tempo - como por intermédio de um meio de propagação -, unidades definidas como indivíduos, obras, noções ou teorias” (FOUCAULT, 1987, p. 23-24). A respeito da noção de influência, ver também: Influxo (2007).

seus leitores como objetos de estudo, procuram tratar da historicidade das verdades partilhadas por esses escritos.

As influências de *Renan-Jesus* e a autoridade de *Renan-Nação*

Em 1973, Lídia Besouchet afirmava, com certa surpresa, “[...] que foi Renan a personalidade literária que mais influenciou sobre o pensamento religioso da *elite* brasileira da segunda metade do século XIX” (BESOUCHET, 1973, p. 331). Nesse texto, um dos primeiros dedicados ao estudo das relações entre Renan e o Brasil, a noção de *influência*, repetida nos anos seguintes por inúmeras pesquisas de objetos semelhantes, foi alocada no centro da proposta de Besouchet. Missão quase impossível, segundo a autora, sua proposta era a de explicar quais as influências de Renan sobre o Imperador Pedro II (1825-1891). Para tais explicações, Besouchet destacou, primeiramente, que as obras de Renan estavam presentes nas bibliotecas de todos os escritores e políticos de fins do XIX; o estilo de Eduardo Prado (1860-1901) foi, antes de qualquer coisa, resultado da influência renaniana, e, Joaquim Nabuco (1849-1910), além da imensa admiração, pôde conhecê-lo pessoalmente.²

Para cumprir os objetivos de seu texto, no entanto, a primeira certeza da autora, seu ponto de partida foi a impossibilidade do Imperador não conhecer um dos acontecimentos literários do século XIX, ou seja, a *Vie de Jésus*. Nesse livro, as teses cientificistas e a separação entre poder espiritual e temporal, propostas por Renan, encontrariam na pessoa e na política do Imperador um local aconchegante de recepção – Besouchet, aliás, repetiu, algumas vezes, o quanto esse pressuposto renaniano do liberalismo influenciou as ações do Imperador durante a chamada “Questão Religiosa”. Quando, em 1871, Pedro II viajou a Paris, um dos nomes registrados no livro de visitas do seu hotel foi o de Renan. De um lado, o Imperador que

² Indico aqui, especialmente referente a Nabuco, os livros *Minha formação* (1900) e *Pensées détachées et souvenirs* (1906), nos quais, para além de várias citações, há capítulos dedicados a Renan.

sabia grego, latim e estudava sânscrito, árabe e hebreu, do outro, Renan, que além de ter uma prima residente no Rio de Janeiro, era filólogo, historiador das línguas semíticas e tradutor de livros bíblicos: assim, “[...] o imperador possuía as qualidades essenciais para interessar a Renan” (BESOUCHET, 1973, p. 335).

Depois dessa viagem, cartas, condecorações e eleições aproximaram ainda mais esses personagens. Renan recebeu de Pedro II a Ordem Imperial da Rosa³ e o Imperador, em 1875, foi eleito para o *Institut de France*. As correspondências entre os dois, no entanto, é que trazem o efeito de prova ao texto de Besouchet. Dentre essas cartas, destaco uma, de 6 de setembro de 1873, que trouxe dificuldades à autora. Nessa epístola, que tinha como principal assunto os comentários referentes às inscrições fenícias descobertas na Província da Paraíba, Renan não deixou de mencionar diversos de seus colegas eruditos e, principalmente, o *Corpus Inscriptionum Semiticarum*, que ele havia estimulado, desde 1867, na *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*.⁴ O “mistério” apontado por Besouchet, contudo, refere-se a um “senhor Netto”, citado por Renan, mas não identificado com clareza.

No dia 13 de setembro de 1873, uma carta de certo Joaquim Alves da Costa foi lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ele contava que seus escravos acharam, em Pouso Alto, próximo da Parahyba, uma pedra com inúmeros caracteres que ninguém compreendia. Os filhos de Joaquim copiaram os caracteres e ele então enviou ao IHGB para que alguém os decifrasse. Três dias depois, em 16 de setembro, o primeiro secretário do IHGB, Joaquim C. Fernandes Pinheiro, com o intuito de receber uma avaliação desse documento, repassou a correspondência e a cópia da inscrição para o doutor Ladislau Netto (1838-1894), “membro digno” da Comissão de Arqueologia e

³ De acordo com a autora, trata-se de uma condecoração brasileira criada por D. Pedro I e reservada, muitas vezes, aos intelectuais.

⁴ Coleção de inscrições semíticas, preparada segundo o modelo alemão, e que se propunha à publicação de todos os textos antigos em línguas semíticas do fim do segundo milênio antes de Cristo até os primeiros séculos de nossa era. Pode-se mencionar aqui, por exemplo, as publicações de inscrições latinas e gregas impulsionadas por Theodor Mommsen no século XIX (Cf.: DUPONT-SOMMER, 1968; MARTINS, 2010).

de Etnografia do Instituto.⁵ Foi por meio dessa “circunstância singular” que Netto pôde, em um gesto de “homenagem” e de reconhecimento, estabelecer relações com um dos “mais ilustres orientalistas dos tempos modernos”, o “venerado Mestre” de “nome glorioso” que estava em “todas as bocas”, enfim, Renan. Encarregado de dar sua opinião a respeito desse “documento curioso”, Netto, a princípio um tanto indiferente, percebeu a relevância que essa inscrição em caracteres fenícios poderia ter para a história da América e resolveu, mesmo sem conhecimento aprofundado da língua, examinar o monumento (NETTO, 1885).⁶ A partir desse exame e correspondendo-se com Renan, o resultado, talvez, não tenha sido o esperado: o documento era apócrifo, não havia fenícios no Brasil. Renan, contando a D. Pedro II de sua resposta a Ladislau Netto, explicou que, mesmo sendo delicada a pronúncia sobre um monumento que ele não havia visto, a apócrifia da inscrição era certa e uma pesquisa a respeito de sua origem faria saber que ela era falsa.⁷

Mesmo na ausência dos fenícios,⁸ Renan, desde então, tornou-se um pouco mais brasileiro. Em 2005, pesquisadores de Portugal, da França e do Brasil reuniram-se para um evento de nome sugestivo: *Ernest Renan et le Brésil: L'influence d'Ernest Renan sur le débat idéologique au Brésil fin 19e et début 20e*.⁹ Nessa ocasião, Renan também fazia parte do grupo de pensadores franceses que influenciaram “profundamente” a “evolução das ideias no Brasil”.¹⁰ Ao lado

⁵ Para mais informações a respeito de Ladislau de Souza Mello Netto (Cf.: DANTAS, KUBRUSLY, APRÍGIO, 2013; SANJAD, 2011).

⁶ Os termos entre aspas se referem às palavras dessa carta.

⁷ Carta de Renan a D. Pedro II datada de 6 de setembro de 1873 (Cf.: BESOUCHET, 1973. p. 341-342).

⁸ Ainda na década de 1870, no Brasil, outro historiador se preocupou com problemas similares em torno do passado nacional e, especificamente, a respeito da origem dos “nossos selvagens”, dos “índios brasileiros”: Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878). Dessa vez, a origem desses povos “[...] estava lá, em algum lugar remoto do mundo antigo, possivelmente em companhia dos egípcios...” (Cf.: CEZAR, 2013, p. 326; VARNHAGEN, 2013).

⁹ Evento que fez parte do ano do Brasil na França, realizado no dia 7 de outubro de 2005 e organizado pela ERILAR – *Équipe de recherches interdisciplinaires en langues romanes* – UFR – *Langues, Université de Rennes 2 – Haute Bretagne*.

¹⁰ Baseio-me aqui, sobretudo, no texto inserido no *folder* do evento. Disponível em: <<http://>

de Auguste Comte (1798-1857) e, novamente, de D. Pedro II, o “filósofo e historiador bretão” foi localizado em diversos embates que construíram o Brasil em fins do século XIX e início do XX. A evidência de sua *Vida de Jesus*, traduzida em 1864 para o português, enfatizou o confronto do governo brasileiro com o Vaticano. Se o debate entre Igreja e Estado no Brasil oitocentista parece estar intimamente relacionado às polêmicas renanianas, dessa vez, no entanto, com a transição Monarquia-República, duas palavras passaram a incomodar os intelectuais brasileiros: raça e nação. Assim, o erudito francês, até então, e quase que exclusivamente, um *Renan-Jesus* passa a ser também um *Renan-Nação*; sua conferência, *Qu'est-ce qu'une nation?*, entrou para o “debate apaixonado” dos intelectuais brasileiros que tentavam definir o que deveriam ser “a Nação e o povo brasileiros” (GODET, 2010). Nesse sentido, o interessante caso de Luiz Gama (1830-1882) pode tornar um pouco mais claro ao leitor as tensões em jogo nesse “Renan brasileiro”.

Com a publicação d’*O espetáculo das raças*, de Lília M. Schwarcz, ficou mais explícito aos historiadores brasileiros que, em um balanço das teorias raciais produzidas no século XIX e de suas ressignificações no Brasil, Renan se destacou em função do caráter representativo de sua teoria (SCHWARCZ, 1993).¹¹ Assim, não é de se admirar que importantes atores do regime escravista abraçassem as ideias de Renan, mas o que dizer quando ele também fosse “abraçado” pelo movimento abolicionista? Ou melhor, como compreender que a obra renaniana possa ter fundado a “ética” de um “ex-escravo”, “poeta, jornalista e advogado” que “encarnou a luta pelo fim da escravidão” no Brasil? Estas foram algumas das perguntas propostas por Ligia F. Ferreira para entender a leitura que Luiz Gama fez de Renan (FERREIRA, 2007).¹² “Advogado dos escravos” e um dos primeiros a referir-se à *Vida de Jesus* renaniana, o Luiz Gama de Ligia Ferreira faz lembrar como as *influências* geralmente são marcadas por limites e aflições:

www.arara.fr/depliantrenan.pdf>. Acesso em: 06 mai 2014.

¹¹ Ao lado de Renan, Schwarcz aloca Le bon, Taine e Gobineau (Cf.: SCHWARCZ, 1993, p. 62-64).

¹² Esse artigo é uma versão ampliada da palestra que a autora proferiu durante a jornada de estudos que acabei de mencionar.

[...] cumpre apontar os limites da influência de Renan sobre Luiz Gama, já que ele parece ignorar o Renan teórico das diferenças raciais cujas idéias fazem coro com o darwinismo social. Contando com o desaparecimento das raças inferiores no futuro, o autor de *Qu'est-ce qu'une nation?* sonhava com uma humanidade racialmente homogênea, para a aflição de seus seguidores brasileiros, convictos, na virada do Império para a República de que era preciso embranquecer o país a qualquer preço (FERREIRA, 2007, p. 284-285).

Nos limites das aflições da história do cristianismo outras histórias do Brasil também encontraram morada. Ao reler as “páginas memoráveis” do “fim do Mundo Antigo”¹³ nas quais Renan, “pelo galvanismo do seu belo estilo”, fez ressurgir os “adouçados chefes de seita dos primeiros séculos”, Euclides da Cunha (1866-1909) viu em Canudos algumas “aproximações históricas”, ou melhor, ele notou a “revivescência integral de suas aberrações extintas” (CUNHA, 1905, p. 169).¹⁴ Ler Renan n’*Os sertões* significou ver nesse espaço brasileiro “um exemplo belíssimo da identidade dos estados evolutivos entre os povos”, no qual o “retrogrado do sertão reproduz a fácies dos místicos do passado”, deixando claro o quanto Canudos “está fora do nosso tempo” (CUNHA, 1905, p. 170).

Foi esse “mesmo” Renan de *Marc-Aurèle* que se adiantou, ansiosamente, para sussurrar aos ouvidos brasileiros o quão *triste* seria o *fim de Policarpo Quaresma* (BARRETO, 1915). Na epígrafe dessa obra de 1915, entre Policarpo e o Imperador Marco Aurélio estava o “grande inconveniente da vida real” e o que a tornava “insuportável ao homem superior”, pois, quando se leva os “princípios do ideal” para tal vida, percebe-se que as qualidades se tornam defeitos e, muito frequentemente, o homem motivado pelo “egoísmo e pela rotina vulgar” obtém mais sucesso que o “homem íntegro”.¹⁵

¹³ Parte do título do sétimo e último volume da *histoire des origines du christianisme* (RENAN, 1882).

¹⁴ Para outras relações entre a obra de Euclides da Cunha e a historiografia, veja também: Alves (2006).

¹⁵ O trecho utilizado como epígrafe por Lima Barreto se encontra em: Renan (1882, p. 468).

Em 1930, Renan se tornou um semideus. Tal caracterização, porém, não era um elogio. *O Brasil na História*, de Manoel Bomfim, ao tratar da deturpação de nossas tradições, de nossa degradação política e, dedicando especial atenção às causas das “deturpações e insuficiências da História do Brasil”, fazia avultar um fator para o turbar do passado e do futuro brasileiros: “o influxo do espírito francez”. Quando buscava a significação e o valor da tradição nacional, Bomfim encontrou uma história do Brasil “officialisada”, “peiada”, “diminuída pela sombra de estranhos” e “levada sempre por motivos que não lhe são próprios”. Uma das causas principais desse tipo de história estaria na formulação de juízos sobre o Brasil a partir do critério francês, sempre falho, aliás, quando tratava de outros povos. Ao lado de tais sentidos, pode-se imaginar que Renan, um semideus na afluência e do influxo francês, estava prestes a não mais se manifestar no Brasil, nem em sua história, ainda mais se dependesse dos esforços de Bomfim em identificar uma das formas desse influxo: “grande parte dos conceitos em que consagramos heroes e feitos são reflexos immediatos, modelagens passivas, de ideias francezas. Contamos e escolhemos como elles proprios o fariam” (BOMFIM, 1930, p. 69).¹⁶

Mesmo com os esforços de Bomfim, em 1956, *as origens do cristianismo renanianas* ainda eram um local privilegiado de comparações e de autoridade para a história do Brasil e, especialmente, para a “história colonial paulista”. *Na Capitania de São Vicente*, de Washington Luís (1869-1957), três foram os capítulos nos quais Renan foi citado: “Os jesuítas”, “Os índios” e “O cruzamento e a escravidão” (LUÍS, 2004).¹⁷ No primeiro, para comprovar que as missões jesuíticas no Brasil dos séculos XVI e XVII foram mais difíceis que em qualquer outra parte, Luís fez a comparação com as missões de São Paulo e de Barnabé, narradas por Renan em *Saint Paul*.¹⁸ Diferente

¹⁶ A respeito de Manoel Bomfim, veja: Gontijo (2001); mais especificamente, a respeito de autores que compartilham com Bomfim um projeto para o Brasil e para a escrita de sua história, veja: Tonon (2014).

¹⁷ Para mais detalhes de como se escrevia a história no Brasil do início do século XX, especialmente no que tange aos referenciais franceses, veja: Anhezini (2011). A respeito das contribuições de Washington Luís, veja: Ferretti (2004).

¹⁸ Terceiro livro da *histoire des origines du christianisme* (RENAN, 1869).

dessa dupla do primeiro século, aqui, os jesuítas “[...] não vieram mudar ou transformar uma crença para outra melhor; vieram criar crenças no espírito bruto de selvagens e no meio de selvagens” (LUÍS, 2004, p. 121). E, para dizer desses índios, nada melhor do que enquadrá-los em uma das “fases” das religiões ensinadas por Renan em sua *Vie de Jésus*; ou seja, nada melhor do que afirmar que os indígenas “[...] nem ainda tinham atingido a fase do fetichismo [...]” (LUÍS, 2004, p. 151).¹⁹ Tal maneira de caracterizar as diversas tribos indígenas, no entanto, é imprópria quando se trata da escravidão no Brasil, pois, segundo Washington Luís, em seu presente a escravidão era considerada um “sistema violento”. Como lidar com tal problema? Talvez, somente o nome de Renan, dessa vez, não bastasse; foi preciso que ele viesse junto aos pressupostos do conceito moderno de história, ao lado do “corte” presente-passado para construir a possibilidade e a exigência de objetividade e neutralidade:

É inútil, parece-me, fazer observar que, nas linhas que aí estão, procuro reunir elementos para a futura história da formação territorial do Brasil, e, por consequência, não faço obra de moralista. Isto quer dizer que narro, sem os aprovar ou censurar, os fatos que se desenvolveram para a constituição geográfica do país e para a civilização de seus habitantes. E fazendo esta observação repito conceitos expedidos por Ernest Renan, quando estuda *As Origens do Cristianismo* (LUÍS, 2004, p. 213).

No Brasil, principalmente no decorrer do século XX, a forma como se deu esta “repetição de conceitos expedidos” pelo pesquisador de *As Origens do Cristianismo* parece ter contribuído para a emergência, correlata ao *Renan-Jesus*, de um *Renan-Nação*. Essa mudança não diz respeito apenas a um texto privilegiado nas citações brasileiras, ela também possibilita outro debate a respeito do estatuto e das funções que esses escritos de Renan possuem aqui. A publicação da primeira tradução integral e brasileira da *Vida de*

¹⁹ Luís explica que, segundo Renan, essa fase do fetichismo “[...] consiste na adoração de um objeto material no qual se supõem poderes sobrenaturais [...]” (LUÍS, 2004, p. 151).

Jesus em 1996, pela Martin Claret (RENAN, 1996), ajuda na exemplificação desse debate. No prefácio, os editores se admiravam com a inexistência, até ali, da tradução brasileira desse livro “clássico” e “de grande interesse dos leitores em geral”, mas, simultaneamente, destacavam que havia uma tradução portuguesa do início do século XX,²⁰ com diversas reedições e que circulou no Brasil. Com esses dados, qual seria a justificativa dessa tradução brasileira? Presente no prefácio e na quarta capa dessa edição, a resposta dos editores pode ser a seguinte: “*Vida de Jesus* é um livro polêmico e revolucionário: conta a verdadeira história desse Homem-Deus. Lê-lo é um dever religioso e cultural!”²¹ Se, por si só, esse convite do “verdadeiro” pode chamar a atenção, a maneira pela qual tal edição foi organizada acaba por negar essa verdade a-histórica, pois, após a última página do livro de Renan, outras mais de cem páginas de apêndices, com textos recentes, são necessários para que o leitor confirme a “magistral intuição do historiador francês” (RENAN, 2004, p. 13).

Diferente da *Vida de Jesus*, a “célebre conferência” *Qu’est-ce qu’une nation?* possui várias traduções brasileiras²² e é constantemente citada em teses, dissertações e artigos que se dedicam, em seus mais variados recortes, à questão da Nação. Em uma dessas traduções, publicada em 1997 na revista *Sociologia* da USP, Angela Alonso e Samuel Titan Jr. inseriram uma interessante nota introdutória na qual procuravam apresentar as palavras de Renan aos cientistas sociais contemporâneos e brasileiros (RENAN, 1997). Nesse breve texto, Renan poderia ser visto como um “publicista” que, para além de ter estudado as línguas e os povos semíticos, ter biografado Jesus e feito uma história do cristianismo, encararia seus pares e a si mesmo como um dos “altos foros” da nação francesa. Segundo os autores, por recusar as teorias raciais de sua época e por perceber a vida humana organizada em bases nacionais como um “modo de sociabilidade” específico, Renan despertaria “forçosamente” o interesse daqueles cientistas atentos à “construção das identidades sociais” (RENAN, 1997, p. 154-155, grifos

²⁰ Veja, por exemplo, Renan (1915).

²¹ Também inscrito na quarta capa da impressão de 2004.

²² Facilmente encontradas na internet, dentre outras, indico a seguinte: (RENAN, 2011).

dos autores). Esse interesse, porém, deveria estar acompanhado de uma atenção aos traços do pensamento renaniano enraizados no Oitocentos, especialmente, sua ideia de que a glória passada e a vontade presente teriam como rumo necessário a nacionalidade. Ao problematizarem tal sentido, os autores narram, em diálogo com Hobsbawm (1982), que a “verdadeira resposta” para esse pensamento havia de ser buscada na tradição liberal da primeira metade do século XIX; deveríamos ser capazes de ler o que estaria “por trás” da noção de progresso apresentada na conferência de Renan. Dessa forma, são destacadas as razões estratégicas e políticas do texto de Renan para “deter os avanços da democracia e do socialismo” (RENAN, 1997, p. 155-156) bem como a necessidade de um expansionismo colonial exposta por outros textos do historiador francês. Caso os leitores achassem ambíguo tal convite, os autores concluiriam argumentando o quanto todos esses elementos aumentariam ainda mais o nosso interesse:

Nada disso, é claro, tira o interesse da conferência que se lê em seguida – se é que não o torna maior. Mas a experiência histórica desde 1882 – duas guerras mundiais, travadas grandemente em solo europeu, somadas a mais de um século de manipulações, atrocidades, “erros” e “esquecimentos” históricos com fins bem definidos – desautoriza qualquer leitura embevecida do manifesto nacionalista e “culturalista” do nosso autor (RENAN, 1997, p. 157, grifos dos autores).

Diante da quantidade de trabalhos que citam Renan para a discussão do que seria uma Nação, não me parece que o interesse por sua conferência tenha diminuído. Em grande parte desses trabalhos, talvez até na maioria, porém, fica explícito o “esquecimento” de que, assim como a “própria Nação”, o texto de Renan é uma produção que pode ser localizada no tempo e dotada de historicidade. Se o Jesus renaniano não pode mais ser uma verdade natural e intemporal, muitas vezes, a resposta de Renan a “o que é uma nação?” parece ser dotada de uma *essência* que permitiria reconhecer as regras de qualquer formação nacional para além de quaisquer limites históricos e/ou recortes cronológicos. Em muitos estudos são escolhidas as frases de Renan mais afirmativas e que apontam para uma possível

essência da Nação – tornando ainda mais intrigante essa recepção, pois, em grande parte da conferência, Renan procurou reconhecer a historicidade das formações nacionais.

Tal modo de leitura, no entanto, é simultâneo do aparecimento de diversos trabalhos que, ao discutirem o problema da nação, rompem com a *autoridade* e com as *influências* da conferência renaniana. Dentre tais escritos, cabe mencionar um dos artigos de Manoel Luiz Salgado Guimarães (2003), intitulado “A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar”. Ao citar a conferência de Renan, além de inseri-la na cultura histórica oitocentista, nas tensões e disputas que envolviam o fazer histórico no século XIX, Guimarães propiciou também uma interessante reflexão a respeito da constituição de uma memória disciplinar histórica, por meio da elaboração de cânones, vetos e de determinadas narrativas capazes de produzir reconhecimento e identidade entre práticas presentes e passadas.

Em semelhante sentido, a dissertação de Rodrigo Turin (2005), intitulada “Narrar o passado, projetar o futuro: Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista” é exemplar. Turin também dedicou uma parte considerável de seu trabalho à conferência de Renan considerando-a, no entanto, como um texto construtor das tensões e dos projetos (com) partilhados por letrados na cultura histórica oitocentista. A partir de tal pressuposto de leitura, foi possível que Turin não apenas criasse outro sentido para as palavras de Renan, mas que também explicitasse uma *diferença* dos modos de se pensar a história e a historicidade:

Paradoxalmente, como nos apresenta Renan, a “essência” da nação é ser histórica. Se, pela negativa, como procede o autor, ela não se reduz nem à raça, nem à língua, nem à religião e nem ao território (elementos privilegiados em outras formas de enunciação, incompletas ou “erradas”), deve ela ser entendida, antes de tudo, como uma formação temporal. No entanto, ser histórica não quer dizer que ela seja mero fruto do acaso. Pelo contrário, há um sentido nessa temporalidade, guiando o processo; daí a essencialidade da nação: “houve sempre uma profunda razão de ser que presidiu a essas formações” (TURIN, 2005, p. 15-16).

A identidade do Brasil e as bestas do apocalipse: quando Renan se insinuou para a historicidade

No final de 1992, uma pequena nota foi publicada no jornal *Folha de São Paulo* noticiando os cem anos da morte de Ernest Renan, escritor e historiador francês, autor de “Vida de Jesus” e da “História das Origens do Cristianismo”. Esse que “foi um dos pensadores mais influentes no fim do século 19”, estaria praticamente esquecido naqueles dias (RENAN, 1992).

Em 2000, nesse mesmo jornal e, “quase na ressaca dos 500 anos”, José Murilo de Carvalho fazia uma visita ao tema dessa comemoração devido a sua participação em simpósios acadêmicos e semioficiais. Nos encontros acadêmicos, Carvalho identificava que os dois autores mais citados para discutir o tema da identidade nacional e de sua construção foram Benedict Anderson e Renan²³. A ideia de que a criação de uma nação necessitaria de esquecimento e até de erro histórico, presente na obra de Anderson, havia sido antecipada por Renan. E “não parou aí a perspicácia do grande publicista”, pois Renan salientava a exigência de um consentimento atual, de um “plebiscito de todos os dias” ao lado de um passado de experiências comuns para que uma nação pudesse existir. Por isso, “Renan serve para pensar os 500 anos”. Os seminários acadêmicos criticavam a dimensão “imaginária” do evento, mas, nas iniciativas oficiais e/ou voltadas ao grande público, era a dimensão imaginária que predominava. As “doses maciças de esquecimento” enfatizavam um Brasil luso, católico e cordial, excluindo das celebrações oficiais de Porto Seguro, “os que pagaram o preço de nossa história, como índios e sem-terra (barrados pela polícia baiana)”. Carvalho problematizava, assim, o excesso de erros e de esquecimento e indicava a necessidade de se reescrever a narrativa nacional, mesmo porque, o “plebiscito falou exatamente pela voz dos que foram deixados de fora da festa, os índios e os sem-terra, tomando os últimos, sociologicamente, como os descendentes dos escravos africanos” (CARVALHO, 2000, p. 18).

²³ Os textos citados, respectivamente, foram: *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*, de 1983 (ANDERSON, 2008), e *Que é uma nação?*, de 1882.

No Brasil de 500 anos, Renan foi útil para o tratamento da luta cristalizada entre a história e a memória nacional; Renan servia, inclusive, para colocar em foco um dos projetos de escrita da história do Brasil partilhado e debatido no século XIX e que prescrevia três “personagens”, três raças que deveriam compor a nação²⁴. Naquele século, especialmente a partir de 1860, Renan cumpria outras e diferentes funções. Dentre elas, pode-se destacar sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1862, que foi notícia, aqui, da procissão de ouvintes que o acompanharam até sua casa e da prisão de alguns desses estudantes franceses defensores das ideias renanianas; a publicação de *Vie de Jésus* (1863) é objeto de inúmeras refutações e elogios, possibilitando a indagação a respeito do perigo dessa obra para os filhos do Brasil, assim como indicando que também as refutações atiçariam a curiosidade dos leitores²⁵. A partir da segunda metade do XIX, Renan fazia parte de um grupo de escritores representantes de métodos que auxiliariam a escrever uma história da nação brasileira (DEIRÓ, 1865), mas também fazia parte de uma linhagem de pensadores que bem poderiam ser identificados como bestas do apocalipse, pois um cálculo feito com os nomes dos principais autores que negaram a divindade de Jesus através da história, resultaria em um número emblemático: 666 (UM POUCO..., 1864).

Deveríamos buscar inspiração em uma das bestas do apocalipse para refletirmos a respeito da identidade do Brasil? Essa pergunta, é claro, não procura inserir o problema de como e para que os escritos de Renan seriam úteis (ou não) ao nos pensarmos. Ao contrário, na conclusão do presente artigo, essa questão e os documentos a partir dos quais ela foi confeccionada permitem reinserir o objetivo central de todo este texto: dotar de historicidade os diferentes papéis que Renan teve no Brasil. Para tanto,

²⁴ Sobre um dos momentos decisivos de debate entre projetos de escrita da história do Brasil, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, veja: Martius (2010); Wallenstein (2010); IHGB (2010).

²⁵ Estes são alguns exemplos dos modos pelos quais Renan foi referenciado em periódicos da segunda metade do século XIX. Muitos dos artigos e das caracterizações de Renan aqui ressaltadas, circularam, foram republicados e rebatidos em outros periódicos contemporâneos. (Cf.: NOTÍCIAS..., 1862; FRANÇA, 1862; MR. RENAN..., 1864; O ROMANCE..., 1864; CORRESP..., 1863).

buscou-se narrar quais os temas e textos de Renan foram recorrentemente atualizados, desde meados do século XIX até os nossos dias; descrever quais funções esse nome de autor desempenhou aqui e quais lutas foram travadas em seu nome. Por meio de tal procedimento, foi possível esquadriñar a construção de um “Renan *brésilien*” a partir, especialmente, das repetidas referências aos escritos de Renan sobre a história do cristianismo e sobre a nação. Ao tratarmos desse Renan brasileiro - podendo ser nomeado, também, como “Renan-Jesus-Nação” -, sublinhamos as dispersas funções e regras que permitiram, proibiram e prescreveram sua referência, sua utilização e sua relação com o “Brasil”, com os “brasileiros” e com outros conceitos e objetos a estes relacionados como, por exemplo, “história”, “nação”, “raça” e “religião”.

O estudo dos trabalhos que investigaram como brasileiros leram Renan possibilitou identificar a relevância da noção de influência para a construção de um lugar para esse historiador. Mesmo para se tratar dos limites dessas influências ou até da recusa por tais influências, a busca de verdades que estariam escondidas nos textos de Renan e de seus leitores brasileiros propiciou a cristalização dessa autoridade renaniana. Nos últimos anos, porém, pode-se acompanhar o aparecimento de estudos que, ao partirem de outras referências teóricas e sem recorrer a noção de influência, dotaram de historicidade os escritos de Renan e de seus leitores nacionais problematizando as tensões e as disputas partilhadas em determinado período, em determinado regime de verdade.

É interessante notar, enfim, que o verbo “influenciar” para além de significar a ação de uma pessoa ou coisa sobre outra, além de ser sinônimo de autoridade, crédito e domínio, possui, na língua portuguesa, o sentido figurado de “insinuar-se”. Na imagem irônica de uma longa, contínua e permanente caminhada de Renan pelo Brasil, pode-se imaginar, hoje, que ele, na tentativa de ultrapassar certos *limites*, quando se insinuou para a historicidade, para outra forma de se pensar a historicidade, sofreu um *corte*, não “por trás”, “pelas costas” e nem mesmo “por baixo”. Corte do e no saber histórico que inspirou a descrição dos papéis que Renan teve no Brasil, que possibilitou esta história da “insinuante vida” que Renan teve entre nós.

Referências

- ALVES, F. J. D’Os *sertões* como obra historiográfica. In: GUIMARÃES, M. L. S. (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 185-191.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Polycarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Typ. “Revista dos Tribunaes”, 1915. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00118100>>. Acesso em: 20 mai. 2014.
- BESOUCHET, L. Renan e o imperador do Brasil (Influência e contraste). In: *La Bretagne, le Portugal, le Brésil. Echanges et rapports. Actes du Cinquantenaire de la création en Bretagne de l’enseignement du portugais*, Université de Haute Bretagne, Université de Bretagne Occidentale, Université de Nantes, 1973, p. 331-58.
- BOMFIM, M. *O Brazil na História: deturpação das tradições, degradação política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.
- CARVALHO, J. M. de. A memória nacional em luta contra a história. *Folha de São Paulo*, 12 nov. 2000. Mais!, p. 18-19. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/?q=Renan&site=&periodo=acervo&x=8&y=10>>. Acesso em: 05 fev. 2016.
- CEZAR, T. Varnhagen entre os antigos, os modernos e os “selvagens”: estudo introdutório de *A origem turaniana dos tupis e dos antigos egípcios*. In: GLEZER, R.; GUIMARÃES, L. M. P. (Org.). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 317-345.
- CORRESP. do correio. *Correio Paulistano*, anno X, n. 2234, 25 out. 1863. p. 2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: campanha de Canudos. 3. ed. corrigida. Rio de Janeiro; São Paulo: Laemmert C., 1905. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00451800>>. Acesso em: 09 maio 2014.
- DANTAS, R. M. M. C.; KUBRUSLY, R. S.; APRÍGIO, P. V. Os Registros de Ladislau Netto impressos na história científica do Museu Nacional. In: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social, 2013, Natal - RN. *Anais...* Associação Nacional de História, 2013.
- DEIRÓ, Eunápio. Os conchyliositos do Brasil (memoria pelo conde de La Hure, traduzida pelo Dr. Eunapio Deiró). *Correio Mercantil*, anno XXII, n. 338, 12 dez. 1865, p. 2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- DUPONT-SOMMER, A. Ernest Renan et le Corpus des Inscriptions sémitiques. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 112e année, N. 4, 1968. p. 535-546. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_0065-0536_1968_num_112_4_12307>. Acesso em: 02 mai 2014.
- FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan. *Estudos Avançados*, 21(60), 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142007000200021&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 jun. 2010.
- FERRETTI, Danilo J. Zioni. *A construção da paulistanidade*: identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930). 2004. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FRANÇA. *O Liberal*, anno II, n. 36, 1 de abril de 1862, p. 2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- GODET, Rita Olivieri. Ernest Renan et le projet nationaliste de Mário de Andrade. In: BAREL, Ana Beatriz Demarchi. (Org.). *Os nacionalismos na literatura do século XX*. Os indivíduos em face das nações. Coimbra: Minerva Coimbra, 2010, p. 147-160.

- GONTIJO, R. *Manoel Bomfim (1868-1932) e O Brasil na História*. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2001.
- GUIMARAES, M. L. L. S. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: Sandra Pesavento. (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003, p. 9-24.
- HOBSBAWM, E. *A Era do Capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- IHGB. Parecer acerca das memórias sobre o modo pelo qual se deve escrever a história do Brasil. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de fontes de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p. 103-114.
- INFLUXO. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 565.
- LUÍS, Washington. *Na capitania de São Vicente*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal, v. 24).
- MARTINS, Estevão de Rezende. Theodor Mommsen (1817-1903). In: MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). *História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 101-122.
- MARTIUS, Karl Friederich Philipe von. Como se deve escrever a história do Brasil. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de fontes de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p. 61-91.
- MR. RENAN. *Diario de Pernambuco*, anno XL, n. 42, 22 fev. 1864, p. 2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- NETTO, Ladislau. *Lettre a Monsieur Ernest Renan a propos de l'inscription Phenicienne apocryphe soumise en 1872 a l'Institut historique, géographique et ethnographique du Brésil*. Rio de Janeiro: Lombarts et Comp, 1885. Disponível em: <<http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/0040/0040.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2014.

- NOTÍCIAS do exterior. Carta do correspondente. *Correio Mercantil*, 94, 5 abril 1862. p. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- O ROMANCE de Ernesto Renan Vida de Jesus, Refutado pelo Rev. Padre Freppel. *Constitucional*, anno II, n. 25, 28 set. 1864, p. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- RENAN. *Folha de São Paulo*, 11 out. 1992. Mais!, p. 6-10. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/?q=Renan&site=&periodo=acervo&x=13&y=8>>. Acesso em: 05 fev. 2016.
- RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863.
- _____. *Jésus*. 15. ed. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1864.
- _____. *Saint Paul: depuis le départ de Saint Paul pour sa première mission jusqu'à l'arrivée e Saint Paul a Rome* (45-61). Paris: Michel lévy, 1869.
- _____. *Marc-Aurèle et la fin du Monde Antique: le règne de Marc-Aurèle* (161-180). Paris: Calmann-Lévy, 1882.
- _____. *Vida de Jesus (Origens do Cristianismo)*. Prefácio da edição brasileira por Martin Claret. São Paulo: Martin Claret, 1996.
- _____. Que é uma nação? Tradução de Samuel Titan Jr. Plural; *Sociologia*, USP, 4, 1. Sem., p. 154-175, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/viewFile/75901/79400>>. Acesso em: 15 maio 2014.
- _____. *Vida de Jesus (Origens do Cristianismo)*. Prefácio da edição brasileira por Martin Claret. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- _____. O que é uma nação? In: Carlos Manuel Ferreira da Cunha (Ed.). *Escrever a nação: literatura e nacionalidade* (uma antologia). Carlos Cunha e Opera Omnia, 2011, p. 29-44. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/22435/1/Escrever%20a%20na%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.
- RENAN, Ernesto. *Vida de Jesus: origens do Cristianismo*. 4. ed. Tradução de Eduardo Augusto Salgado. Porto: Chardron, 1915. (História das origens do Cristianismo, v. 1).

- SANJAD, N. Ciência de potes quebrados: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista*, v. 19, p. 133-164, 2011.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TONON, M. R. *Reinventando o Brasil: Manoel Bomfim e a crítica à historiografia brasileira*. Dissertação (Mestrado em História e Sociedade) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Assis), Assis, 2014.
- TURIN, Rodrigo. *Narrar o passado, projetar o futuro: Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2005.
- UM POUCO de tudo. *Diário de Pernambuco*, anno XL, n. 31, 9 fev. 1864, p. 3. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- VARNHAGEN, F. A. de. A origem turaniana dos americanos introdutório a tupis-caraíbas e dos antigos egípcios. Indicado pela filologia comparada: traços de uma antiga migração na América, invasão do Brasil pelos tupis etc. (1876). In: GLEZER, R.; GUIMARÃES, L. M. P. (Org.). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 346-448.
- WALLENSTEIN, Henrique Julio de. Memória sobre o melhor plano de se escrever a história antiga e moderna do Brasil. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de fontes de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p. 95-100.